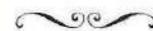


Segue esgarçando os véus dos caminhos secretos,  
Desfazendo aflições e remontando afetos,  
Com risos e ilusões, suspiros e agonias.

- 12 E ao morrer-te o rancor e ao nascer-te a humildade,  
Em êxtases de amor e em lances de bondade,  
14 Encontrarás, ditoso, a paz de novos dias!



INÊS SABINO Pinho Maia \*



NO DIA

DE FINADOS

tória da Lit. R.G.S., pág. 284). (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 6 de Maio de 1853 — Salvador, Bahia, 7 de Março de 1910 \*\*.)

BIBLIOGRAFIA: *Ensaios tímidos*; *Auroras do Sul*; *Esboços Literários*, poesia e crítica; *Escrínios*; *Albatrozes*; etc.

\*\* Essas datas, tirámo-las do *Diário da Bahia* e do *Diário de Notícias*, jornais de Salvador, que noticiaram o sepultamento de Damasceno Vieira.

2. Note-se o "enjambement" que nos suscita a ideia de alguém que avança do nascer ao pôr do Sol, durante a evolução sem fim...

8. Aliteração em *t*.

12. Observem-se, não apenas neste verso, mas nos anteriores, as antíteses primorosas.

14. Cf. o soneto "A Lenda do Judeu Errante", de autoria do poeta quando encarnado (*apud Col. Poetas Sul-Riogr.*, pág. 94), cuja disposição rimática é perfeitamente idêntica à de "Avante!".

1 Agradeço, meu filho, a glória que me deste,  
O mármore custoso, o imponente jazigo,  
A legenda piedosa, as flores que bendigo,  
A oração da saudade, a sombra do cipreste...

Mas afasta de nós a pompa que me veste!

6 Este luxo no chão é miséria comigo...  
Quero apenas o amor por sacrossanto abrigo,  
Dá-me teu coração por tesouro celeste.

(\*) Poetisa, jornalista e romancista. Domingos Carvalho da Silva, em sua obra *Vozes Fem. da Poes. Bras.*, pág. 22, considerou-a merecedora de figurar num seleto grupo de poetisas da fase pós-romântica e parnasiana. Iniciou a sua educação literária na Inglaterra. Regressando ao Brasil ainda bem jovem, pouco depois dava a público as suas primeiras poesias e traduzia, para o português, contos, novelas e pequenos romances ingleses e franceses. Foi uma das escritoras que no Nordeste.

Não me busques, em vão, na gelidez das lousas!  
Transfunde-me a lembrança em pão que reconforte  
A quem viva de fel na aflição que te espia...

Procura-me na dor do caminho em que pousas  
E esparze em tudo o bem, porque a bênção da morte,  
14 Que me acordou na luz, há-de acordar-te um dia...

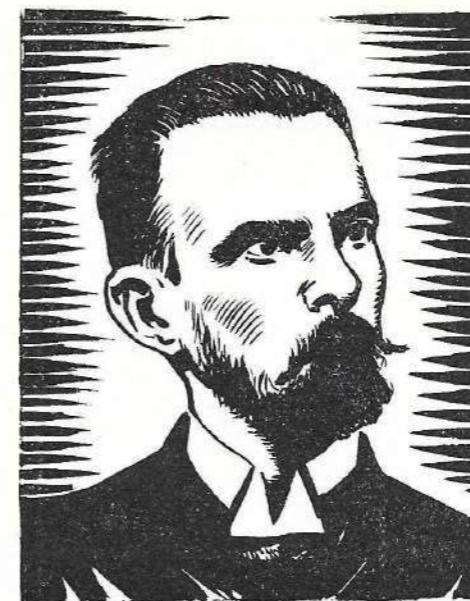


em fins do século XIX, lutou pela participação da mulher nas lides literárias, contra um meio adverso nesse sentido. No prefácio à sua obra *Impressões*, Inês Sabino Pinho Maia fez esta judiciosa observação: «Retirem-se do manto estrelado da poesia os salpicos do ideal, que um livro de versos não passará de um compêndio enjoativo das verdades amargas que nos rodeiam acremente por toda a parte.» O *Jornal do Commercio*, do Rio, em seu número de 14 de Setembro de 1911, destacou-lhe a «grande nobreza de sentimento», o «espírito caridoso e esmoler» e a real estima de que ela gozava na sociedade, «pela sua inteligência e fina educação». (Pernambuco, 31 de Dezembro de 1853 — Rio de Janeiro, Gb, 13 de Setembro de 1911.)

BIBLIOGRAFIA: *Ave Libertas*, poemeto; *Rosas Pálidas*, versos (1<sup>a</sup> Série); *Impressões*, versos (2<sup>a</sup> Série); *Contos e Lapidações*; etc.

1. Enumeração.
6. Antítese.
14. Políptoto: "Que me acordou..., há-de acordar-te..."

RAIMUNDO da Mota de Azevedo CORREIA \*



BAGATELA

O vento corre uivante e desempedra  
Alvo seixo engastado na montanha.  
A pedra solta cai sobre outra pedra,  
Brotam faíscas de uma luz castanha...

Novo golpe do vento e o fogo medra  
Na alfombra ressequida, em doida sanha...  
Há luta que se alteia e se desmedra  
No incêndio arrasador em fúria estranha...

(\*) Para Manuel Bandeira, RC «certamente é o maior artista do verso que já tivemos». «O maior dos parnasianos,» — afirma Agrippino Grieco — «e um dos poucos que tiveram íntima sensibilidade, foi Raimundo Correia.» Exerceu cargos de magistratura, administração e diplomacia, e foi professor da Faculdade de Direito de Ouro Preto. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Ronald de Carvalho (*Pequena Hist. Lit. Bras.*, pág. 295) declara que o poeta, «por suas ten-